

MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: POSICIONAMENTO E DOMÍNIO EPISTÊMICO NA FALA-EM-INTERAÇÃO

Marta Helena Facco Piovesan¹
Thainara de Sousa Maia²

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise do posicionamento e domínio epistêmico da fala-em-interação ocorrida entre uma mulher que passou por situação de violência e um profissional de uma instituição de enfrentamento à violência contra a mulher. A metodologia aplicada foi a Análise da Conversa de base Etnometodológica, que permitiu a investigação linguística das ações sociais por meio da linguagem. O posicionamento e o *status* epistêmico é a relação de conhecimento dentro de uma interação, sendo K- (menos conhecedor) ou K+ (mais conhecedor), havendo possibilidade de um mesmo locutor se mover dentro do gradiente epistêmico conforme evolução da interação.

Palavras-chave: Violência doméstica; Análise da Conversa Etnometodológica; Posicionamento e domínio epistêmico.

Abstract: Our article analyzes the positioning and epistemic domain of the speech-in-interaction that occurred between a woman that had experienced a situation of violence and a professional at an institution to confront violence against women. The methodology applied was the Ethnomethodological Conversation Analysis, which allowed the linguistic investigation of social actions through language. Epistemic positioning and status is the relationship of knowledge within an interaction, being K- (less knowledgeable) or K + (more knowledgeable), and the interlocutor may pass from one to another within an epistemic gradient.

Keywords: Domestic violence. Analysis of Ethnomethodological Conversation. Epistemic positioning and domain.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora Titular do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (Uema), Brasil. E-mail: martahpiovesan@hotmail.com. Orcid: 0000-0002-1136-5991

2 Graduada em Letras Português e Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão. Professora da rede municipal de ensino, Brasil. E-mail: thaimaia95@gmail.com. Orcid: 0000-0002-9017-906

Introdução

A característica central por meio da qual os seres humanos interagem entre si em suas práticas sociais diárias é a linguagem verbal falada, uma habilidade essencialmente humana. Por muito tempo o estudo da linguagem esteve sob a prerrogativa da Linguística, ciência inaugurada no começo do século XX (ORLANDI, 2000) e que surgiu como um meio científico de explicar os processos da linguagem verbal das várias línguas existentes (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2009). Com o passar dos anos, o interesse pela linguagem deixou de ser exclusivo do campo da Linguística para ter o seu lugar também nas ciências sociais.

Dentro das áreas que estudam a linguagem tem-se a Linguística Aplicada (posteriormente LA). A LA surgiu com o intuito de preencher lacunas de uso da linguagem no meio social, em contextos dos mais variados, lacunas estas que a ciência Linguística não pôde preencher. Lopes (2006) diz que o campo de estudos da LA está voltado para o âmbito das ciências sociais, para a linguagem em quaisquer contextos ou áreas do conhecimento, e tais contextos merecem um olhar investigativo, visto que a LA se propõe aos estudos do funcionamento real da língua, que é tido como prática social na vida do ser humano falante.

Nessa concepção de linguagem, a presente pesquisa é situada no campo de estudos da Análise da Conversa de base Etnometodológica que tem como foco a fala-em-interação. No arcabouço da Análise da Conversa está a metodologia de análise para os fins a que se propõe este trabalho. “Segundo a ótica da AC, não são analisadas as crenças, os pensamentos, as vontades dos interagentes, mas o turno a turno das interações” (BÖHN, 2018, p. 67) em que se estuda as interações verbais e se objetiva descrever os procedimentos utilizados por quem conversa para produzir o próprio comportamento e para entender e lidar com o comportamento dos outros, ou seja, o interesse inicial não está na linguagem em si, mas na articulação dos métodos de ação social humana, segundo a perspectiva dos participantes, o que se fala e como se fala.

O contexto de investigação é a fala-em-interação dentro de uma instituição Casa das Marias – Projeto Ação-Mulher Balsas, que dá suporte a mulheres em situação de violência doméstica na cidade de Balsas no Maranhão. O objetivo é analisar o posicionamento e domínio epistêmico (HERITAGE, 2012) na interação turno a turno ocorrida entre uma mulher que passou por situação de violência e um profissional da instituição em

questão, podendo, através da análise, melhor compreender a violência contra a mulher. A violência doméstica vivida pelas mulheres deve ser entendida como um fenômeno social e diante disso a pesquisa justifica-se pela importância do tema violência doméstica e familiar contra a mulher bem como pela aplicação de uma metodologia muito recente, ainda pouco difundida no Brasil, a Análise da Conversa de base Etnometodológica, que permite a investigação linguística das ações sociais por meio da linguagem.

O artigo está desenvolvido em cinco seções. A primeira seção trata da violência contra a mulher; a seção dois aborda a perspectiva teórico-metodológica, Análise da Conversa de base Etnometodológica, pontuando sobre a fala-em-interação institucional e os conceitos relativos à Epistêmica – domínio epistêmico, *status* epistêmico e posicionamento epistêmico. A terceira seção apresenta a metodologia, tratando da perspectiva teórico-metodológica que norteou o desenvolvimento do trabalho, bem como o tipo e abordagem de pesquisa, o contexto de pesquisa e seus participantes, e sobre a geração de dados, como estes foram coletados, transcritos e posteriormente analisados. Em seguida, seção quatro, propõe-se a análise e discussão de excertos para verificação do posicionamento e *status* epistêmicos na fala-em-interação institucional entre a mulher em situação de violência e a representante da instituição. Por fim, tem-se as considerações finais e a trajetória final da pesquisa.

Violência contra a mulher

A violência contra a mulher não é um tema novo e muito menos pouco debatido nos últimos anos, seja em estudos acadêmicos, seja por políticas públicas em favor dos direitos das mulheres, mas nem por isso o tema está perto de ter a sua riqueza esgotada. Neste artigo, a violência contra a mulher é vista pela ótica da violência doméstica, também conhecida como familiar ou intrafamiliar, e é tratada com base no gênero, sendo este entendido como uma construção social dos papéis do homem e da mulher, geralmente tendo o homem como o dominador sobre a mulher ou os demais de sua casa (AZAMBUJA, 2007).

A violência intrafamiliar tem o seu contexto entre família, seja por consanguinidade, seja por afinidade e convivência, e pode ser contra qualquer membro constituinte desse contexto, tanto o homem como a mulher, tanto crianças quanto adolescentes e idosos (BRASIL, 2001), todavia o foco deste trabalho é a violência intrafamiliar perpetrada contra a mulher, sendo essa, na maioria das vezes, a maior vítima de maus-tratos (SAGOT, 2007).

É sabido que as mulheres, de modo geral, passam por gravíssimas violações em seus direitos mais elementares, e uma das principais características da violência intrafamiliar é a invisibilidade (SAGOT, 2007), mas a luta contra a violência feminina tem conseguido avanços, ainda que haja muito a ser feito. No Brasil, surgiram concretas medidas na adoção de políticas públicas voltadas à prevenção, punição e erradicação da violência contra a mulher. Nestes últimos 30 anos houve grandes avanços com o surgimento da primeira Delegacia da Mulher (1985) e a Lei Maria da Penha (2006), que criaram mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica, além de serem criados serviços de assistência a essas mulheres, como juizado específico, Defensoria Pública, apoio psicossocial e delegacias especializadas.

Com a vigência da Lei Maria da Penha, a invisibilidade da violência tem sofrido mudanças. Segundo o Ministério dos Direitos Humanos (MDH), no primeiro semestre do ano de 2018 foram registradas quase 73 mil denúncias no Ligue 180, um número muito maior do que o apresentado em 2006 (12 mil), ano em que a Lei 11.340/06 entrou em vigor e ano de início da Central de Atendimento Ligue 180 (BRITO, 2018).

O Brasil ocupava a posição de 5º país mais violento contra as mulheres num ranking de 83 países (WASELFISZ, 2015) em 2015. Uma pesquisa com foco de mensurar em números a violência nos estados brasileiros, divulgada em 2018, apontou que o Maranhão não apresenta os maiores índices de violência contra a mulher dentre as UFs, mas teve grande aumento em um período de dez anos (2006 a 2016) mostrado no Atlas da Violência 2018, produzido pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) (CERQUEIRA, 2018). De acordo com Leitão (apud IBRAPP, 2014), dos 99 municípios brasileiros com os maiores índices de homicídios contra mulheres, três estão no Maranhão, sendo eles Açailândia, Balsas e Santa Luzia do Tide, acrescentando que, em 2012, foram identificadas 45 rotas de tráfico de mulheres nos municípios de São Luís e Caxias, sendo o Porto do Itaqui, na Capital do estado, uma delas.

Dados da Delegacia da 11ª Regional de Balsas informam os altos índices de agressão contra as mulheres balsenses nos quais se combinam diferentes manifestações de violência como física, psicológica, sexual e patrimonial. Mulheres são agredidas geralmente em seus próprios lares, no contexto das relações privadas, interpessoais e de afeto, em que essas ações são muitas vezes consideradas naturais e ignoradas, e as vítimas, para preservarem seus lares, calam-se, escondendo essa prática criminosa da sociedade e das autoridades.

Análise da Conversa Etnometodológica e a fala-em-interação institucional

Desenvolvida inicialmente pelos estudiosos Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson no ano de 1960, a Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) teve início na Sociologia quando se passou a observar a fala-em-interação dos seres humanos em momento de conversa, notando que esta é cheia de sentido e segue uma organização para acontecer, seja face a face, seja por telefone.

Em ACE entende-se conversa como “a forma básica de sistema de troca de fala” (GARCEZ, 2008, p. 20), mais reconhecidamente como tomada de turno. Essa noção de conversa é importante para a tradição dos estudos em ACE porque demarca a ação social humana por meio da linguagem dentro de um tempo e espaço localmente situado, ou seja, a fala-em-interação ocorrendo no “aqui e agora” com um falante posicionando-se na interação com base na ação feita (dita) pelo outro anteriormente e direcionando o que o outro falante fará depois. Entendida também a conversa como a forma básica de sistema de troca de fala tem-se que o objeto de estudo em ACE “não se restringe apenas à conversa cotidiana, mas se estende à fala-em-interação em geral” (GARCEZ, 2008, p. 19), ou seja, onde há pessoas interagindo e promovendo ação social por meio da linguagem em momentos interacionais reais há aí possibilidade de análise por meio da teoria ora apresentada.

Como dito acima, o objeto de estudo da ACE se volta para quaisquer contextos de produção de fala-em-interação, visto que a conversa é entendida como a organização sequencial de troca de turnos em uma interação. É importante fazer esse destaque porque em ACE há duas vias de estudo ou contexto para a fala-em-interação, são a interação cotidiana e a interação institucional. Em linhas gerais, para a ACE, a fala-em-interação é institucional quando “aspectos interacionais particulares associam-se a atividades particulares de determinadas instituições” (LODER; JUNG, 2009, p. 08). Essas instituições, conforme Watson e Gastaldo (2015, p. 129) são “os maiores complexos institucionais de qualquer sociedade: a medicina, a lei, a educação”, o direito, a polícia, a mídia de massa e assim por diante (HERITAGE, 2005).

Del Corona (2009, p. 16), baseada em Drew e Heritage (2012) resume a fala institucional em três características: “(1) orientação para o cumprimento do mandato institucional; (2) restrições às contribuições aceitas; e (3) inferência de enquadres e procedimentos”. A primeira característica

diz respeito ao objetivo de uma interação institucional, o que significa dizer que há uma meta específica e determinada a cumprir nessas interações e, nesse sentido, difere das chamadas conversas cotidianas, pois estas não têm necessariamente um objetivo prévio a ser cumprido. A segunda característica, restrições às contribuições aceitas, está diretamente ligada à primeira, pois, dado que a interação institucional tem um objetivo a ser cumprido, todas as ações sociais por meio da linguagem serão conduzidas de modo a que se cumpra o mandato institucional para o qual uma instituição se propõe. A última característica, inferência de enquadres e procedimentos, trata das conclusões feitas durante a interação e os métodos, ações sociais por meio da linguagem, de como se dá essas conclusões/ inferências.

A Etnometodologia e a contribuição da Epistêmica para as análises em ACE

A Etnometodologia (EM) é um ramo da Sociologia de abordagem naturalista criado pelo sociólogo Harold Garfinkel no final dos anos 1960, considerada “[...] a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar” (COULON, 1995, p. 30). O olhar analítico da EM está nos indivíduos e em suas ações ou etnométodos. Estabelecendo correlação entre a EM e a Análise da Conversa, são muitas as congruências, por isso surgiu a perspectiva de estudo de Análise da Conversa Etnometodológica, a ACE, como já tem sido abordada neste trabalho. Dado o objetivo da presente pesquisa, o foco será a pesquisa na fala-em-interação institucional, já explanada aqui, que na EM seriam os estudos etnometodológicos do trabalho, ou “estudos laborais”, de onde se tem a ideia de comunidades epistêmicas ou, simplesmente, epistêmica.

Epistêmica foi o nome dado ao interesse pela negociação dos saberes específicos ou do conhecimento dos participantes em uma interação laboral, área de grande destaque na EM. De acordo com Sidnell (2015, p. 12, apud BÖHM, 2018, p. 50) o termo Epistêmica (*epistemics*) “é derivado da palavra grega *episteme* que significa conhecimento, entendimento”. Em Epistêmica tem-se as comunidades epistêmicas, como já mencionado, que são grupos específicos interagindo e compartilhando de conhecimentos em comum dentro das situações que acontecem no grupo. Para interagir em uma comunidade epistêmica é necessário ter um “conhecimento-epistêmico-em-ação”, isto é, “para se estar por dentro da situação deve-se dominar os saberes internos envolvidos nela” (WATSON; GASTALDO, 2015, p. 82) e, quando não há domínio de uma das partes, ocorre a assimetria de conhecimento.

As noções de ‘domínio epistêmico’, ‘territórios de conhecimento’, ‘status epistêmico’ e ‘posicionamento epistêmico’ são cruciais em Epistêmica dentro de uma interação. A noção de domínio epistêmico foi aprimorada por Labov e Fanchel (HERITAGE, 2012a), que distinguiram eventos ou informações conhecidos por um falante A, mas não por B, e eventos ou informações conhecidos por um falante B, mas não por A, ou seja, o conhecimento que um falante possui, mas que é desconhecido por outro. Tal conhecimento seria particular de um indivíduo e estaria dentro do seu domínio o direito de possuir esse conhecimento, bem como o direito de articulá-lo e distribuí-lo como lhe aprouver, assim, o domínio epistêmico é o que uma pessoa sabe, como ela sabe e o direito e responsabilidade que ela tem de administrar e/ou externar esse saber ou conhecimento para outra pessoa (HERITAGE, 2012b).

Posto dentro de uma interação, o domínio remete ao *status* epistêmico, que é o conhecimento ou informação que cada pessoa tem sobre um assunto, podendo o conhecimento ou a informação ser restrito a uma única pessoa, ser compartilhado (as pessoas têm o mesmo nível ou equivalência de conhecimento/informação) ou haver uma variação no conhecimento, geralmente um aumento gradativo. O conhecimento é colocado num gradiente epistêmico que é representado desta forma: K+ (mais conhecimento) e K- (menos conhecimento). O aumento de K- para K+ no gradiente epistêmico dentro da interação só é possível quando um falante A permite outro falante B ter acesso ao domínio epistêmico de A, promovendo gradação no *status* epistêmico de B, posto que o falante dentro de seu domínio possui autoridade epistêmica para controlar o acesso ao seu território de conhecimento (ANDRADE, 2016).

O posicionamento epistêmico na interação é a maneira como o grau de conhecimento sobre algo ou alguém é explicitado por meio do formato do turno de fala, a posição epistêmica “é codificada, momento a momento, em turnos de fala” (HERITAGE, 2012b, p. 7). Conforme detalha Andrade (2016):

Por posicionamento epistêmico, entende-se a expressão social do domínio epistêmico por meio de desenhos de turnos que carregam conteúdos proposicionais (i.e., semânticos) formatados gramaticalmente de diferentes maneiras. [...] qualquer ação realizada por meio da fala-em-interação (e.g., assunção, pedido de informação, avaliação, pedido de confirmação etc.) pode ser expressa por diferentes formatos de turno de fala. (p. 114).

Esse posicionamento durante a interação não reflete necessariamente o *status* epistêmico dos participantes que, dentro da interação, podem posicionar-se epistemicamente menos conhecedor (K-) ou mais conhecedor (K+) em uma dada situação. A posição epistêmica está intrinsecamente atrelada ao domínio epistêmico.

Desenvolvimento e demonstração dos resultados

A pesquisa tem cunho exploratório e descritivo e se deu como estudo preliminar a fim de gerar familiarização quanto aos fenômenos que envolvem a investigação, proporcionando, assim, uma visão geral das teorias e conceituações necessárias para o desenvolvimento do trabalho. Além disso, também visou registrar e interpretar os fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador (GIL, 2008).

Quanto à abordagem, trata-se de pesquisa qualitativa, a qual proporciona uma investigação mais abrangente por possibilitar ao pesquisador o desenvolvimento de ideias, conceitos e entendimentos através de padrões encontrados nos dados, abrindo espaço para a interpretação. Tem o seu foco no contexto em que se dá a pesquisa e propõe olhar para a perspectiva dos participantes em um dado momento ocorrido.

A coleta de dados para a pesquisa ocorreu na Casa das Marias: Projeto Ação-Mulher Balsas. Foi realizado o total de uma gravação de momento interacional no qual houve duas participantes contribuintes para a obtenção do *corpus* para análise, que foram Rosângela (nome divulgado com permissão), coordenadora da instituição, e Ane (nome fictício), uma jovem mulher recém-chegada ao projeto para participar da escuta inicial a fim de receber os cuidados promovidos pela Casa das Marias às mulheres em situação de violência. Para a obtenção dos dados analisáveis, primeiramente fez-se o contato com o local da pesquisa para apresentação à direção do projeto, bem como conhecimento do espaço onde esta seria realizada. Com permissão da coordenadora, a estudante-pesquisadora pôde participar do momento de escuta e por meio de gravador fez-se a gravação da interação entre Ane e a coordenadora Rosângela.

Os pressupostos teórico-metodológicos para este trabalho foram a ACE, na qual se amparou o meio para a coleta de dados, a fala-em-interação e a análise. A fala-em-interação foi registrada com um gravador profissional colocado sob uma mesa próximo às duas participantes.

Depois de gravada a interação, passou-se à transcrição feita pela estudante-pesquisadora conforme o modelo Jefferson de Transcrição com o auxílio do aplicativo Lexis Audio Editor para marcação dos intervalos (lapsos) de tempo e percepção das minúcias da fala (para este trabalho foi utilizado o resumo das convenções de transcrição Jefferson adotadas por Loder e Jung, 2008). Faz-se necessário pontuar que “uma transcrição no modelo Jefferson procura registrar as elocuições dos participantes tais quais foram produzidas” (LODER, 2008, p. 133), por isso as marcações nesse tipo de transcrição são bem detalhadas. Quanto à natureza minuciosa da transcrição, a gravação tem sobre-excelência sobre a transcrição, de sorte que o transcritor/analista pode recorrer quantas vezes forem necessárias às gravações (BINET, 2013), pois, como afirmam Gastaldo e Watson (2015, p. 92, grifo do autor), “as transcrições da AC não são consideradas os dados. Os verdadeiros dados são as gravações de áudio e/ou vídeo das quais as transcrições são retiradas”. Deste modo, a cada vez que uma gravação é ouvida, pela mesma pessoa ou por pessoas diferentes, pode haver marcações a serem acrescentadas, retiradas ou corrigidas para conferir maior fidedignidade da transcrição para com o material gravado.

Feita a transcrição com as devidas marcações, o material foi analisado para que pudesse servir de base para as análises ora apresentadas.

O posicionamento e o domínio epistêmico em interação

O primeiro ponto a destacar na gravação colhida e transcrita conforme a Análise da Conversa e o modelo Jefferson de transcrição é demarcar que se trata de uma fala-em-interação institucional. Esta demarcação é importante porque, conforme será descrito, a conversa institucional tem especificidades que dirigem a interação e traz aspectos interessantes sobre o *status* e o posicionamento epistêmico de Rosângela para com Ane.

Excerto 1

1	ROSÂNGELA:	→	pra mim pode ↓r (0,5) lhe ajudar (0,3) viu, (0,5) não tenha
2		→	vergonha de nada (.) fale o bom o ruim mas jogue pra fora
3		→	[porque] >a maioria dessas mulheres=
4	ANE:		[^{oo} uhum ^{oo}]
5	ROSÂNGELA:	→	=quando desabafam elas têm problemas emocionais< (0,3)
6		→	elas ficam doentes e você não tá aqui pra ser culpada nem
7			apontada você (foi) uma vítima tá entendendo? você tem
8			filhos, [já vi]=
9	ANE:		[(tenho)]
10	ROSÂNGELA:		=que cê tem quatro filhos< (0,4) cê tem trinta e dois anos uma
11			menina no:va bonita
12			(0,6)
13	ROSÂNGELA:	→	>mas< (0,6) <tem enfrentado muita coisa né, minha
14			[filha>]=
15	ANE:		[^{oo} três anos ^{oo}]
16	ROSÂNGELA:		=e nós estamos aqui pra lhe ajudar CON:te sua história >se
17			você com-< quiser começar lá:::↑ do come:ço tô aqui pra
18			lhe pra lhe ouvir viu, quiser- (.) fale tudo jogue tudo
19			pra fora tá bom?=-

Note-se, primeiramente, que a conversa é iniciada e levada a cabo por Rosângela e a interação de Ane se dá apenas por falas intercaladas (fala entre colchetes). Esta observação evidencia uma fala institucional da interação entre um representante da instituição cujos primeiros turnos de fala são instruções ou conduções da conversa a que se pretende para esse momento. A marcação de Rosângela como representante da instituição é vista nas linhas 1 e 16 do Excerto 1, destacadas em negrito. O turno é iniciado com pronome que indica uma pessoa só, individual, que se pronuncia a ajudar Ane, porém, alguns turnos depois (linha 16) a referência passa do individual “mim” ao coletivo “nós”, visto que Rosângela tem esse poder de, em sua pessoa, mostrar que toda a instituição está ali diante de Ane para lhe oferecer ajuda.

Nas linhas sinalizadas pelas setas, pode-se ver logo de início o posicionamento epistêmico de Rosângela como sendo K⁺ em relação ao conhecimento que Ane tem a compartilhar, mas que não foi ainda manifesto na interação. Tal posicionamento é perceptível quando Rosângela encoraja Ane a falar “não tenha vergonha de nada” (linhas 1-2), todavia, não é simplesmente ação de encorajamento, mas também ciência de que o que será dito pode ser algo constrangedor que cause receio e vergonha. Em seguida

ao encorajamento, há uma ação explicativa de por que Ane não deve ter vergonha (linhas 3, 5-6), em que há fala acelerada (fala entre sinais de '>' e '<'). Rosângela retira Ane do âmbito pessoal para fazê-la participante de um grupo maior "> a maioria dessas mulheres =", ou seja, Ane é uma com as outras mulheres que já estiveram na instituição, por isso também a posição de K+, uma evidência do caráter institucional, visto que a instituição já tem conhecimentos prévios sobre aquilo que é o seu objetivo, socorrer mulheres em situação de violência. Na linha 13 Rosângela reafirma a sua posição K+, desta vez em fala desacelerada (fala entre '<' e '>'), indicando proximidade com a interagente, disposição para lhe ouvir.

Ainda no primeiro excerto, pode-se evidenciar o posicionamento K+ de Rosângela em congruência com um *status* epistêmico desconhecido, isto é, o conhecimento que é de domínio exclusivo de Ane, o seu domínio epistêmico da sua situação, e que não foi falado ainda. Veja-se as linhas 2, 18-19, destacadas em negrito no Excerto 1. Rosângela repete duas vezes a ação de solicitar informações de Ane, sendo a segunda elocução mais enfática "fale tudo jogue tudo pra fora tá bom?=", como é possível notar pela marcação de sublinha, mostrando o desejo de saber e saber muito. Isso denota que, ainda que Rosângela se posicione de modo a deixar claro que ela sabe o que se passa com a mulher diante de si, ela também se posiciona nos turnos citados como sendo K-, pois, embora a situação de Ane seja igual ou semelhante ">a maioria dessas mulheres=" (linha 3), os detalhes dessa situação são de total domínio epistêmico de Ane, que não tomou o turno ainda para dar a conhecer o seu caso em particular.

Excerto 2

132	ANE:	tem u:ns >trê↑s mê↑s< (0,3) que a gente separava e voltava
133		>eu sempre dav- sempre dava chance pra ele que (era) a
134		desculpa que todo homem diz que vai mudar né?<=
135	ROSÂNGELA: →	=o <ci:clo [que eu acabei de °falar°]
136		[TRÊ↑S anos ele ia embora] voltava e dizia que
137		>ia mudar que ia mudar e pedia desculpa e aí a gente ju:ra
138		que↑ quer acreditar naquela pessoa e quando entra pra
139		dentro de casa na hora que bota o pé dentro de casa< aí
140		vi:ra outra pessoa
141		(0,4)
142		aí (ele saiu de uma vez aí) eu °desacreditei° totalmente °porque°
143		[das juras]
144	ROSÂNGELA: →	[<mas↓ eu aca]bei de falar do ciclo da violência
145	→	né>=

O Excerto 2 mostra a ação de Rosângela chamando Ane a atentar para algo que ela já deveria saber. Na linha 135, antes mesmo de Ane terminar o seu turno, Rosângela inicia em fala colada e desacelerada e chama a atenção mostrando a Ane que isso já foi dito durante a interação, pois ela diz “eu acabei de °falar°”. A última palavra da fala de Rosângela é pronunciada em volume mais baixo (fala entre ‘°’), pois Ane ignora a chamada de atenção, toma o turno e continua a falar em fala acelerada (linhas 137-139, fala entre sinais de ‘>’ e ‘<’), o que indica pressa em “jogar para fora” o que ela quer dizer. Na linha 144, novamente Rosângela tenta tomar o turno reafirmando o que foi dito na linha 135, com a mesma fala desacelerada, desta feita, porém, com uso da adversativa “mas↓”, dito em som mais grave (↓) em fala sobreposta e finalizando com “né” como pedido de afirmação, antes mesmo de Ane terminar o seu turno, reforçando a ação de fazer Ane entender que ela já deveria saber disso e como quem diz “eu avisei que era assim”. Contudo Ane ignora mais uma vez e toma o turno seguinte, o que é percebido pela indicação de fala colada (=) ao fim do turno de Rosângela.

O Excerto abaixo traz mais uma vez a mesma formação de ação diante de novas contribuições de Ane.

Excerto 3

224	ROSÂNGELA:	→	=<é [<mais cê sa,be]=
225	ANE:		[(de jeito nenhum)]
226	ROSÂNGELA:	→	=(como) você já teve né?> ele já foi foi[voltou]=
227	ANE:		[uhum]
228	ROSÂNGELA:	→	=de novo <você sabe como é que é essas pes[soas]=
229	ANE:		[sei]
230	ROSÂNGELA:	→	=eles falam mas não cumprem> e às vezes eles voltam (já)
231		→	pra fazer coisa pior só que você <eu percebi que você já
232		→	tava no ciclo da violência>=
233	ANE:		=uhum °°já°°
234	ROSÂNGELA:	→	a primeira vez que ele saiu você não era pra ter
235		→	[aceitado] el-=
236	ANE:		[aceitado]
237	ROSÂNGELA:	→	=é, não era não então °Ana° o que eu posso te ajudar pra
238			você começar a se analisar dentro de você (0,4) porque não
239			vamos mexer >com nada agora de delegacia essas coisas
240			[não]<=
241	ANE:		[uhum]

A partir da linha 224, Rosângela toma o turno e em fala continuada novamente chama a atenção de Ane, reafirmando que isso deveria fazer parte do seu domínio epistêmico, rejeitando assim o seu *status* de desconhecimento de que aquilo poderia acontecer. Neste momento da interação, Ane já não ignora, antes consente com o que está sendo dito a ela. Seus turnos são curtos “[uhum], [sei], =uhum °°já°°, [aceitado]” em falas sobrepostas ([...]) e não impedem Rosângela de prosseguir a fala continuada (marcada por ‘=’ ao fim e início de cada turno de Rosângela). Perceba-se que a maior parte da fala de Rosângela é desacelerada (fala entre ‘<’ e ‘>’) trazendo Ane para aquilo que está reafirmando.

Os Excertos seguintes propõem a análise e discussão do domínio epistêmico de Ane no que concerne ao seu direito de possuí-lo e distribuí-lo a seu tempo.

Excerto 4

56	ROSÂNGELA:	°pois é°=
57	ANE:	=>a partir do momento que eu engravidei< (.) três anos
58	→	(1,2) até: essa semana foi só de sofrimento demonstrou <antes
59		se demonstrou uma pessoa boa né depois que eu
60		passei a morar com ele que eu engravidei> (0,8) foi out-
61		um monstro pode se dizer↓ que to:do dia eu sustentava coisa,
62		e era faca no meu pescoço, ciúme demais
63	→	(1,0)
64	ANE:	e: até↑ hoje eu tô °°vivendo isso°° AH não tô porque eu separei
65		dele essa semana passada porque ele me batia
66		demais >eu chegava roxa na casa da família< eu inventava
67		assim que era alguma coisa (0,3) >com vergonha< de dizer e
68		continuar com ele que não- >primeiro lugar a gente não tem
69		serviço não tem como↓ sustentar a casa a família mora de casa
70		alugada aí< ti↑nha que aguentar (.) (°então°) (.)
71		<°deu no que deu°> até >três anos<
72	→	(1,2)
73	ANE:	<aí eu resolvi separar dele>
74	→	(1,1)
75	ANE:	°e tá°↑ assim
76	→	(1,0)
77	ANE:	é: qua↓se >matava ele ou ele me matava< (né,) mas tive que
78		fazer isso
79	→	(1,8)
80	ROSÂNGELA:	<pode falar pode continuar se preocupe não>

Nesta fala-em-interação institucional, Ane toma, de fato, o turno de fala somente na linha 57 e nos turnos de Ane pode-se notar como ocorre a distribuição do conhecimento que somente ela tem acesso (a sua situação particular de ter sido vítima de violência). A primeira indicação de que Ane está controlando o acesso de Rosângela ao seu domínio epistêmico é a quantidade de pausas e pausas consideráveis. Veja-se no Excerto 2 nas linhas indicadas pelas setas que os intervalos de tempo entre as informações de Ane são iguais ou acima de dez décimos de segundo. Pausas demoradas podem indicar que o falante em questão manifesta ao outro falante que este pode tomar o turno e prosseguir, mas manifesta também uma escolha do que deve ser dito, no caso de uma narrativa, denotando controle da distribuição da informação em que ela “limitou o acesso” do que deveria ter sido “estendido de primeira mão” (HERITAGE, 2013, p. 374). Veem-se aqui as duas indicações dos longos intervalos de tempo.

Note-se, primeiramente, o controle da distribuição de informação. Após informar um breve relato de sua história, Ane diz duas vezes que separou do companheiro “AH não tô porque eu/ separei dele essa semana passada” (linhas 64-65) e “<aí eu resolvi separar dele>” (linhas 73), sendo este último turno uma reiteração pausada do que já foi dito e uma indicação de que acabou ali mesmo o que se tinha para dizer, pois antes e depois da linha 73 há um intervalo de mais de dez décimos de segundo. Após outro longo intervalo, Ane distribui mais um conhecimento ainda não revelado, que está nas linhas 77-78 “é: qua↓se >matava ele ou ele me matava< (né,) mas tive que/ fazer isso”. Em fala acelerada e início do turno em tom mais grave (↓) uma nova informação é dada, mas sem nenhum detalhe, o que virá a ser conhecimento distribuído somente turnos depois, como se pode ver no Excerto 5.

Excerto 5

185	ROSÂNGELA:	>como você procurou a Casa das Marias nós já temos esse
186		apoio< e essa proteção que nós já vamos te dar ^{oo} viu ^{oo} >vamos
187		te dar esse apoio e a proteção< você vai ficar despreocupada
188		fome você não vai passar:: >até nós resolver toda a sua
189		situação< mas a- o primordial aqui nosso é
190		cuidar aqui da sua cabecinha que não tá be:m (.) nenhuma
191		mulher que passa essa situação de violência > que se ele
192		saiu no domingo< então vocês tiveram atrito no domingo não
193		foi?=-
194	ANE:	= ^{oo} uhum ^{oo}
195	ROSÂNGELA:	e↓le te chegou a te- te agredir te bateu,
196		(0,6)
197	ANE:	→ < ^{oo} ba ^{oo} teu>
198	ROSÂNGELA:	tem como tu cont[ar?]
199	ANE:	→ [>foi] por isso que eu<
200		(0,9)
201	ROSÂNGELA:	como co[meçou] essa bri,ga por causa de que,
202	ANE:	[foi:-]
203	ANE:	→ <porque ele saiu dizendo que ia trabalhar né, ele
204		trabalha à noite> só que nesse dia ele estava de folga aí

Somente após solicitação de Rosângela com três desenhos de turno, indicando gradação no pedido de informação, com marcação em negrito no excerto, é que Ane dá continuidade ao que deveria ser dito de primeira mão nas linhas 77-78 do Excerto 4. À primeira solicitação, Ane responde com fala desacelerada e baixa “<^{oo}ba^{oo}teu>” (linha 197), mas ela continua retendo ou segurando a informação do fato ocorrido, note-se que esse fato ocorrido tem a ver com a separação, já falado por Ane no excerto anterior e posteriormente acrescentado que se deu num domingo em outro momento da interação.

Nas linhas 191-193 a formação de ação de Rosângela pede uma confirmação a Ane a respeito de a separação ter sido no domingo, ao que esta confirma no turno seguinte (linha 194). Após essa confirmação há as solicitações de como tudo aconteceu. Perceba-se que o desenho de turno de Ane na linha 199 “[>foi] por isso que eu<” não é ainda respondendo ao pedido de Rosângela na linha 198, antes é uma tentativa de explicar a causa de alguma coisa quando ela utiliza “por isso” e enuncia esse turno com fala acelerada. A causa que ela inicia na linha 199 está ligada ao seu turno

“<ººbaººteu>” (linha 197), ou seja, porque o companheiro bateu, alguma coisa aconteceu depois, mas há uma quebra na distribuição dessa informação, pois Rosângela continua a solicitar acesso ao domínio epistêmico ainda exclusivo de Ane, “como co[meçou] essa bri,ga por causa de que,” (linha 201). Após esta última solicitação, Ane permite Rosângela ter acesso ao domínio que lhe é exclusivo e, então, na linha 203, Ane toma o turno e inicia com uma explicação de por que houve saída do companheiro no domingo e a separação nesse mesmo dia.

A quantidade de pausas nos turnos de Ane, indicando manifestação de que o turno deve ser tomado pela sua interagente, evidencia também o controle de acesso ao seu domínio epistêmico, como se pode ver no Excerto 6.

Excerto 6

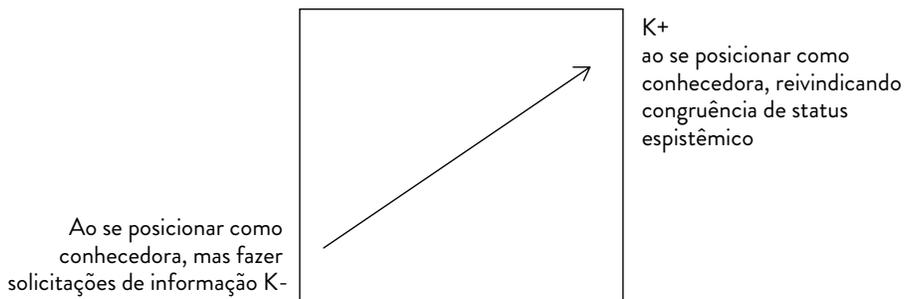
77	ANE:	é: qua↓se >matava ele ou ele me matava< (né,) mas tive que
78		fazer isso
79		(1,8)
80	ROSÂNGELA:	<pode falar pode continuar se preocupe não>
81		(0,7)
82	ANE:	<o pior é que ele sai e fica me ameaçando ainda ºnéº> diz que
83		eu não vou viver com ninguém se ele não continuar
84		comigo ele vai me matar (0,5) EU fico até com medo de sair
85		na rua (1,0) de ele uma hora me fazer né tragédia (0,9) eu
86		acho que coragem ele tem (0,7) >ele já fez muita coisa comigo
87		na frente da minha família< >(tirava) já tiraram
88		ele com facão-< minha família toda já tiraram ele de cima
89		de mim com um facão no meu pescoço
90		→ (4,7)
91	ANE:	eu tenho três fi- quatro filhos um mora com- e:sse (0,6)
92		é: do >segundo casamento< a foi do:is (0,5) só tenho u↑ma
93		filha com ele essa de um ano que é a mi- a pequeninha a outra
94		tem a minha menina tem treze anos já é uma mocinha e já
95		tenho um rapaz também de quinze anos e o outro tem dez que
96		mora com o pai dele
97		→ (1,0)
98	ANE:	aí esse último casamento é que (0,9) <acabou mesmo com
99		minha vida ººmesmo assimºº>

Este excerto traz novamente o turno em que Ane dá pistas da sua situação particular (linhas 77-78). Após esse turno, há um considerável intervalo de tempo e, em seguida, Rosângela toma o turno apenas para motivar Ane a continuar demonstrando interesse em ter acesso ao domínio epistêmico

de Ane “<pode falar pode continuar se preocupe não>” (linha 80). Quando Ane toma o turno na linha 82 as informações conferidas a Rosângela já fazem parte de seu domínio, visto que, como foi perceptível na análise focalizada em Rosângela, ela já tem conhecimento de muitas situações de mulheres que procuram a Casa das Marias e, por isso, pode deduzir que os casos são sempre iguais ou semelhantes. O controle de acesso ao domínio por parte de Ane fica evidente quando, após mais duas oportunidades de revelar a sua situação, ela disponibiliza informações que nada ou pouco acrescentam ao domínio epistêmico de Rosângela. Nas linhas 90 e 97 há longos intervalos de tempo, especialmente a primeira linha. Este longo intervalo mostra que Ane espera que sua interagente tome o turno, como isso não acontece, Ane retoma, mas fala de coisas já sabidas sem fazer menção de detalhes da sua separação ou da situação de quase ter sido morta pelo companheiro ou quase tê-lo matado.

Com base nas análises e discussões feitas neste capítulo, pode-se colocar o posicionamento de Rosângela num gradiente epistêmico de K+ e K- quase equivalentes em relação a Ane, como pode ser visualizado abaixo:

Figura 1: Posicionamento epistêmico de Rosângela



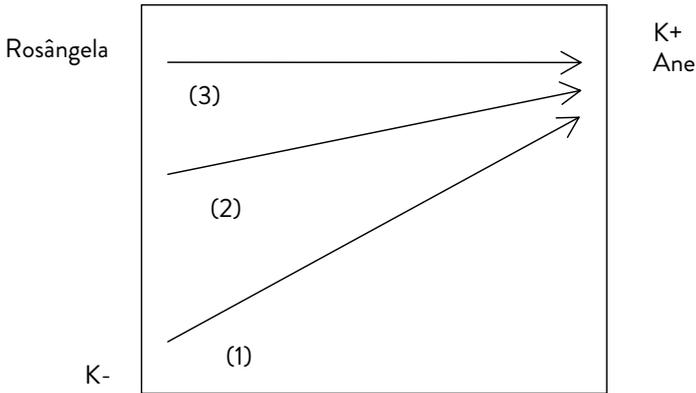
Fonte: Elaboração própria. (FIGURA mostrando a mudança do conhecimento de Rosângela de K- para K+ durante a interação).

Heritage (2013), discorrendo sobre o *status* epistêmico e o direito de sabê-lo, afirma que dois falantes podem ser conhecedores de uma mesma situação ou episteme sem que nada seja dito, mas não com a mesma equivalência, visto que nada se fez conhecer ainda. Isso explica o posicionamento de Rosângela ora K+ ora K- dentro de um mesmo domínio epistêmico, que é a situação de Ane.

Quanto ao acesso de Rosângela no domínio epistêmico de Ane, esta é completamente K+ de sua situação, pois foi com ela que aconteceu. Dentro

de um gradiente epistêmico, Ane é K+ a todo tempo, enquanto Rosângela passa gradativamente de K- para K+ conforme Ane distribui o conhecimento de seu domínio durante a interação. Veja-se a Figura 2 em concordância com o Excerto 5, parcialmente repetido:

Figura 2: Ane sempre K+ em relação a Rosângela, que passa de K- para K+ gradativamente



Fonte: Elaboração própria. (FIGURA mostrando que Ane é sempre K+ durante a interação, enquanto Rosângela passa gradativamente de K- para K+).

Excerto 5 (parcialmente repetido)

- 195 ROSÂNGELA: → e↓le te chegou a te- te agredir te bateu,
 196 (0,6)
 197 ANE: <ººbaººteu>
 198 ROSÂNGELA: → tem como tu cont[ar?]
 199 ANE: [>foi] por isso que eu<
 200 (0,9)
 201 ROSÂNGELA: → como co[meçou] essa bri,ga por causa de que,

A gradação na Figura 2 é vista no Excerto 5 acima, sendo (1), linha 195, a primeira solicitação de total desconhecimento (K-) e o pedido de acesso ao domínio epistêmico de Ane; em (2), linha 198, Rosângela já tem algum conhecimento (K) relevado por Ane, mas não é tudo e então ela faz mais uma solicitação porque ainda é K- da situação. Em (3), linha 201, a última solicitação de Rosângela como continuidade da solicitação na linha 198 lhe permite ter acesso ao domínio exclusivo de Ane, sendo promovida a K+ nesse momento da interação.

Considerações finais

O objetivo inicial a que o trabalho se propôs consistiu em verificar o posicionamento e domínio epistêmico na fala-em-interação institucional entre uma mulher que passou por situação de violência e uma representante da instituição onde se fez a pesquisa, podendo, assim, se chegar a uma melhor compreensão da violência doméstica contra as mulheres. A gravação do momento interacional naturalístico e real possibilitou uma riqueza de descrição da formação de ação quanto ao posicionamento epistêmico da interagente Rosângela e do domínio epistêmico da interagente Ane.

Pôde-se verificar que a fala-em-interação institucional analisada neste trabalho revela que o posicionamento K⁺ de Rosângela, como instituição, pode provocar limitação ao acesso no domínio epistêmico de Ane, visto que a instituição se posiciona de imediato como sabedora do que se passa com mulheres em situação de violência. O posicionamento K⁺ pode inibir a participação quanto à contribuição com informações, pois o interagente que se posiciona como mais conhecedor reivindica o *status* absoluto de sabedor daquilo que outro interagente tem para partilhar, ainda que este não se tenha manifestado. Por outro lado, o direito epistêmico de Ane de revelar somente o que lhe é solicitado pode indicar tanto um fato de que Ane tenha conhecimento do senso comum de que a instituição, na pessoa de Rosângela, é K⁺ de sua situação e, portanto, nada precisa ser dito, como também pode indicar o receio de reviver novamente a situação que é de domínio exclusivo dela, situação que ela, Ane, mostra no turno a turno não ter a intenção de revelar, posto que o acesso a esse domínio epistêmico é dado gradativamente e somente com insistência nas solicitações por parte da sua interagente.

As análises nos permitiram depreender a dificuldade que a mulher encontra no enfrentamento à violência. Por um lado, a mulher vítima se vê diante de alguém (a instituição) que aparentemente já sabe de tudo o que ela passa e, por outro lado, a vergonha de se expor e o medo de reviver momentos indesejados. Esses dois fatores são perceptíveis durante as ações de fala analisadas nesta pesquisa. Pudemos notar que a mulher passa pelo julgamento de que já deveria saber o que fazer para se defender do agressor ou evitar a violência doméstica contra ela, ao mesmo tempo em que recebe a oferta de ajuda da instituição que ela, a mulher, buscou. Assim, o enfrentamento à violência perpassa os obstáculos da vergonha, do medo, do julgamento e da tomada de decisão do primeiro passo em direção à ajuda.

Os estudos aqui apresentados buscaram compreender a linguagem como prática social e investigar a construção de sentidos e conhecimento, episteme, na formação de ação turno a turno na interação face a face. O instrumento teórico-metodológico bastante adequado para esta investigação foi a ACE e os conceitos da Epistêmica, que proporcionaram observar as minúcias do que foi dito e como foi dito na fala-em-interação. Assim, a pesquisa preocupou-se com aspectos referentes à linguagem em contextos socioculturais nos quais os textos e falas estão inseridos, sendo reforçada a importância dos estudos linguísticos na compreensão dos problemas sociais até mesmo em circunstâncias de desigualdade e violência.

Referências

ANDRADE, D. N. P. **Recomendações e prescrições para cuidados de saúde no pós-alta**: a investigação de um programa educativo a pacientes cardiopatas sob uma perspectiva interacional. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

AZAMBUJA, M. R. F. de. Maria da Penha: da dor ao combate. *In*: MENEGHEL, S. N. (org.). **Rotas Críticas**: mulheres enfrentando a violência. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 131-147.

BINET, M. G. J. Análise da Conversação etnometodológica e Investigação em Serviço Social: preliminares teórico-metodológicos. **Intervenção Social**, Lisboa, n. 41, 2013. p.71-91.

BÖHM, D. B. **Recomendações médico/a-paciente em consultas de aconselhamento genético e o processo de tomada de decisão**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

BRASIL. **Violência intrafamiliar**: orientações para a prática em serviço. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001.

BRITO, D. Denúncias de violência contra a mulher chegam a 73 mil em 2018. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2MWNN1o>. Acesso em: 8 ago. 2018.

CERQUEIRA, D (coord.). **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2018.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

DEL CORONA, M. Fala-em-interação cotidiana e fala-em-interação institucional: uma análise de audiências criminais. *In*: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (org.). **Análises de fala-em-interação institucional**: a perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p.13-44.

GARCEZ, P. M. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. *In*: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (org.). **Fala-em-interação social**: introdução à análise da conversa etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 17-38.

HERITAGE, J. Conversation analysis and institutional talk. *In*: FITCH, K. L.; SANDERS, R. E. (ed.). **Handbook of language and social interaction**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2005. p. 103-147.

HERITAGE, J. The epistemic engine: sequence organization and territories of knowledge. **Research on Language and Social Interaction**, Oxfordshire, v. 45, n. 1, p. 30-52, 2012a.

HERITAGE, J. Epistemics in action: action formation and territories of knowledge. **Research on Language and Social Interaction**, Oxfordshire, v. 45, n. 1, p. 1-29, 2012b.

HERITAGE, J. Epistemics in conversation. *In*: SIDNELL, J.; STIVERS, J. (ed.). **The handbook of conversation analysis**. Hoboken: Blackwell Publishing, 2013. p. 371-394.

IBRAPP. Instituto Brasileiro de Políticas Públicas. **A violência contra a mulher no Maranhão**. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/32bP88R>. Acesso em: 15 dez. 2016.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. *In*: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (org.). **Fala-em-interação social**: introdução à análise da conversa etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 127-160.

LODER, L. L.; JUNG, M. N. **Análises de fala-em-interação institucional: a perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica.** Campinas: Mercado de Letras, 2009.

LOPES, L. P. M. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In*: LOPES, L. P. da M. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

ORLANDI, E. P. **O que é linguística?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

SAGOT, M. A rota crítica da violência intrafamiliar em países latino-americanos. *In*: MENEGHEL, S. N. (org.). **Rotas Críticas: mulheres enfrentando a violência.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 23-50.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil.** Brasília, DF: Flasco, 2015.

WATSON, R.; GASTALDO, É. **Etnometodologia & Análise da Conversa.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015.

Recebido em fevereiro de 2020.

Aprovado em outubro de 2020.